



Davi tinha mania de bater com objetos na palma da mão. Sem saber que essa era a maneira que o garoto encontrava para tentar se concentrar, a primeira reação dos pais era de coibir essa atitude

# Tratamento procura levar as pessoas ao mundo do autista

Casal de Florianópolis adere ao programa Son-Rise que, além de estimular a comunicação da criança com autismo, ensina que tudo o que ela faz tem um motivo

Davi Martin Walter tem seis anos, gosta de queijo e de assistir ao Discovery Kids. Os pais Patrícia e Erich Walter descobriram que o filho era autista depois que ele completou dois anos. A partir de então, estudaram vários tipos de terapia. Hoje, o garoto vai à fonoaudióloga e faz controle nutricional. Já fez psicoterapia, musicoterapia e equoterapia, método que visa ao desenvolvimento psicossocial através da equitação. Davi frequenta a primeira série do colégio Menino Jesus e vai à aula acompanhado de uma “facilitadora”, que o auxilia nas atividades escolares.

Em outubro do ano passado, o pai foi aos EUA aprender sobre outro método de tratamento, chamado Son-Rise, nome que faz trocadilho com *sunrise* – nascer do sol, em inglês. Significa levantar o filho, se traduzido para o português. “Nós achávamos que as sessões de terapia duravam pouco: 45 minutos, duas vezes por semana. O problema dele é mais crônico, ele precisava de alguma coisa mais intensiva”, explica Erich.

Desde o começo deste ano, a instituição Inspirados pelo Autismo, com sede em São Paulo, realiza *workshops* do programa Son-Rise em várias cidades do Brasil. Além disso, oferece atendimentos domiciliares e consultas telefônicas às famílias de crianças autistas. Os últimos cursos ocorreram no final de novembro, em Brasília, e custaram R\$ 720 cada – três dias para o nível introdutório e três para o avançado.

O método, que pode ser aplicado pelos próprios pais, busca inserir as pessoas dentro do mundo particular do autista. Acredita-se que é possível se relacionar com ele e incentivar o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança, trabalhando naquilo que são suas principais dificuldades – a sociabilidade, o contato visual e a comunicação.

## O quarto

No primeiro andar da casa da família Walter, existe um quarto com espelho em uma das paredes, uma mesa e duas cadeiras, prateleiras de brinquedos e um tapete azul. O espaço, um dos investimentos do programa, é chamado de *playroom*. “É como se ali fosse o quarto do ‘sim’”, diz Erich. Nesse ambiente, a criança tem toda a liberdade, tudo lhe é permitido. Ali, Erich ou Patrícia tem de passar duas horas por dia com Davi.



Laura Daudén

Davi brinca com a mãe no *playroom*, quarto onde os pais passam duas horas por dia com o garoto. A idéia ali é imitar o que ele faz

Como o autista tem dificuldade para filtrar as informações do ambiente – qualquer som, imagem ou luz pode distraí-lo –, o quarto é projetado de forma a eliminar ao máximo as intervenções indesejáveis. Assim, fica mais fácil de a criança se concentrar em quem está no quarto. No local, é ela quem decide o que quer fazer, e a pessoa deve acompanhá-la. Ao mesmo tempo, é preciso inventar brincadeiras para interagir e estar sempre motivado a chamar a atenção do autista. Caso ele não queira, sua vontade deve ser respeitada.

Davi tinha mania de bater com objetos na palma da mão. Sem saber que essa era a maneira que o garoto encontrava para tentar se concentrar, a primeira reação dos pais era de coibir essa atitude. “Antes do curso, nós achávamos que todas as estereotípicas dele, aquelas manias que o autista tem, deveriam ser corrigidas. E, na verdade, isso é quase uma agressão para a criança”, afirma o pai. O Son-Rise ensina, principalmente, a respeitar o autista e a entender que tudo que ele faz tem um motivo.

O método acaba se tornando cansativo para os pais, que precisam estar sempre animados para acompanhar a criança. O autista precisa sentir que a outra pessoa está bem disposta a participar das brincadeiras, porque se ele perceber o contrário, pode se fechar novamente. No começo, a família brincava no *playroom* de quatro a cinco horas por dia. Apesar de Patrícia ter deixado

o trabalho e os estudos para cuidar do filho, esse tempo precisou ser reduzido para duas horas diárias, por causa do cansaço e das tarefas cotidianas.

Para conseguir trabalhar mais horas no quarto com Davi, os pais buscam voluntários para ajudá-los na aplicação do programa. Normalmente são estudantes das áreas de saúde e psicologia, que utilizam o aprendizado na carreira profissional. No entanto, qualquer pessoa que queira aprender sobre o Son-Rise pode ajudar. Quem já realizou o curso ensina o método para o voluntário, que trabalha com a criança no *playroom* algumas horas por semana. Dessa forma, o autista passa mais tempo no local, sem sobrecarregar os pais.

## Fora do quarto

O programa não se limita a fazer as vontades da criança somente dentro do *playroom*. O tratamento é aplicado diariamente e de forma contínua. Para Erich, o Son-Rise é uma filosofia.

Como o método busca incentivar, entre outros aspectos, a comunicação do autista, qualquer tentativa de fala deve ser festejada e atendida instantaneamente. Assim, a criança percebe a importância de se comunicar e que falar é mais eficiente que chorar, por exemplo.

Na casa dos Walter, televisão e computador permanecem desligados a maior parte do tempo. Para o autista, que costuma fixar a atenção em alguns objetos, os eletrônicos desviam sua atenção, que deve estar voltada às

pessoas. Uma solução foi remover os jogos do computador e o canal de televisão preferido, o Discovery Kids. Agora, Erich e Patrícia são, para Davi, o que há de mais interessante na casa.

Na residência da família, não pode ter queijo, uma das comidas preferidas de Davi, que é alérgico a leite e derivados e a glúten. Com uma terapia que tenta permitir a criança a fazer o que quer, é complicado manter em casa alimentos que ela gosta, mas que não pode comer.

Os Walter dizem que perceberam uma evolução no quadro do filho, principalmente na área da linguagem. Como o garoto fez várias terapias, não é possível dizer quais evoluções foram alcançadas por cada uma, mas Erich atribui ao Son-Rise a melhora na comunicação.

Thayse Madella

## Son-Rise

### Filho é tratado pelos próprios pais

O método Son-Rise foi desenvolvido, no início da década de 1970, pelo casal norte-americano Barry e Samahria Kaufman. Desiludidos com os médicos, que não acreditavam que o filho Raun pudesse superar o transtorno, eles passaram a procurar métodos alternativos. Raun havia sido diagnosticado com autismo severo e Quociente de Inteligência (QI) abaixo de 40. A partir de experimentações intuitivas e

## Autismo impede interação com o universo exterior

O autismo é um transtorno neurobiológico, causado por uma disfunção do Sistema Nervoso Central, que se reflete na fala, na comunicação não-verbal e no relacionamento social.

O neuropediatra Álvaro José de Oliveira, do Núcleo Desenvolver do setor de pediatria do Hospital Universitário (HU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), explica que “é como se o autista abrisse determinadas portinhas; algumas horas é como você, em outras horas não é”.

A incidência de casos do transtorno é quatro vezes maior no sexo masculino do que no feminino e normalmente se manifesta antes do terceiro ano de vida. De acordo com o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), existe cerca de um milhão de casos de autismo no Brasil. Instituições ligadas a famílias de crianças autistas relatam um aumento no número em todas as regiões brasileiras. O neuropediatra do HU afirma que atende um novo paciente a cada semana.

Conhecido por causar alheamento, o autismo impede a interação com o mundo exterior, e a pessoa fica centrada em si mesma. A desordem não tem causa comprovada e é diferente em cada criança, surgindo a partir de pré-disposição familiar, sofrimento durante o parto, má formação do feto, entre outros fatores.

Do grau leve ao severo, o autismo apresenta sintomas que variam muito de uma pessoa para outra. É comum o fenômeno conhecido como ecolalia, ou seja, a repetição do que lhes foi dito, às vezes por horas, ou até mesmo dias. Frequentemente, o autista age repetitivamente, em movimentos estereotipados, e não aceita mudanças no ambiente.

O neuropediatra Oliveira explica que se deve tratar o autista agindo com naturalidade e reconhecendo suas diferenças. “Deve-se aproveitar as portas que eles abrem para interagir, repetir os gestos que esteja fazendo e ir adiante, se perceber que conseguiu contato com a criança”, diz. (T.M.)

afetivas, os pais passaram a aplicar o programa em casa e, após três anos e meio de tratamento intensivo, conseguiram que Raun se desenvolvesse de maneira próxima a da maioria das pessoas.

Raun se formou na Ivy League University e hoje trabalha no Centro de Tratamento de Autismo da América, fundado pelo casal Kaufman em 1983, em Massachusetts, nos EUA.